

Representatividade importa!

Quantas personagens gordas você já viu em produções audiovisuais que não eram retratadas como doentes, tristes ou eram simplesmente um alívio cômico para a trama? De fato, seja a mocinha da novela, a super-heróina do cinema ou a protagonista de um romance nos livros, as personagens principais das tramas são, em sua maioria, magras.

Contrariando essa realidade, a série *Bridgerton*, da Netflix, inspirada nos livros de romance de Julia Quinn, trouxe uma mulher fora dos padrões para assumir o papel de protagonista.

Diferente das outras personagens, Penelope Featherington é a única mulher gorda entre as temporadas disponíveis. Interpretada por Nicola Coughlan, Penelope trouxe representatividade para diversas mulheres que puderam se sentir na pele da personagem através da ficção.



Penelope Featherington

FOTO: NETFLIX

Lugar de protagonista

A romancista Larissa Siriani já publicou mais de 15 obras, sendo *Amor Plus Size* (2016) um de seus maiores sucessos. Em seus livros, Larissa destaca protagonistas com corpos fora dos padrões, promovendo maior diversidade na literatura.

Apesar de dialogar mais diretamente com o público jovem, a autora afirma que a grande maioria dos seus leitores é composta por adul-

tos. Isso ocorre porque, quando essas pessoas eram adolescentes, elas não tinham acesso a protagonistas que as representassem. “Ler sobre pessoas gordas fez com que eu perdoasse dores que eu carregava comigo desde adolescente. E, em paralelo, isso também é uma realidade dos meus leitores. A maioria são pessoas adultas que dizem que queriam muito ter lido esse livro quando tinham 15 anos”, reflete.

Larissa também comenta sobre a representatividade na ficção brasileira. “A gente ainda tem muito trabalho a fazer, até chegarmos a um ponto em que a representatividade não precise mais ser um tema de debate, onde eu não precise diferenciar um livro com um check-list do que é ou não representativo, porque isso já será algo natural no dia a dia das pessoas.”

“Ler sobre pessoas gordas fez com que eu perdoasse dores que eu carregava comigo desde adolescente. E, em paralelo, isso também é uma realidade dos meus leitores.”

Larissa Siriani, romancista



FOTO: ANDRESSA MIANITTO

Larissa Siriani

Caminhos para a inclusão

Para além da confecção das peças, Juliana afirma que conversa com cada mulher que vai ao seu ateliê, fazendo um relatório do tipo do seu corpo e das suas necessidades. “Para promover inclusão, a roupa plus size precisa ser confortável, respirável e antitranspirante. É preciso estudar além da tendência.”

A bacharela em moda e especialista em Diversidade e Inclusão, Aliana Aires, afirma que para a construção de uma moda mais inclusiva é necessário que as marcas estudem e se conscientizem sobre o que significa inclusão. “Simplesmente aumentar a grade de tamanhos não faz sentido. É preciso estudar”, ressalta.

Outra sugestão citada por Aliana é a necessidade de um investimento financeiro que estimule as empresas de moda. Esse tipo de incentivo pode viabilizar a criação de peças mais inclusivas, além de fomentar a diversidade no setor.

Muito a celebrar

Embora a representatividade ainda não esteja plenamente presente em todos os espaços, há muito a celebrar. “Sem dúvida, no quesito diversidade, o simples fato de podermos unir moda e diversidade na mesma frase já é um grande avanço, algo impensável há alguns anos”, ressalta Aliana Aires.

O avanço na inclusão abriu espaço para que diferentes pessoas se reconhecessem em lugares onde antes não se sentiam pertencentes. Aliana destaca que, embora ainda haja um longo caminho a percorrer, o fato de o tema estar em pauta já é muito positivo. “Para continuarmos avançando, é essencial promover ações mais amplas, que ultrapassem o nível midiático.” ■